

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM  
LEITÃO

*O recado do FMI é de que a economia mundial está em transição para uma nova fase: os países desenvolvidos estão um pouco melhores*

## O cenário do Fundo

No relatório do FMI e na entrevista do economista-chefe Olivier Blanchard, o impasse político americano foi colocado de forma curiosa: admitem que se ocorrer o calote da dívida haverá uma grave crise, mas afirmam que não trabalham com a hipótese de que isso vai acontecer. Mas o governo americano e a oposição no Congresso continuam trocando acusações, em vez de negociar.

O recado de ontem, dado no documento que o Fundo Monetário divulga nas suas reuniões, é o de que a economia mundial está em transição para uma nova fase: os países desenvolvidos estão um pouco melhores, e os países emergentes com um crescimento menor do que o previsto anteriormente.

A Europa está em recessão, mas sairá dela no ano que vem. Os Estados Unidos vão crescer em 2014 mais do que neste ano. Todos os países emergentes terão taxas de crescimento menores do que se previa – apesar de a China continuar em torno de 7% – e alguns enfrentarão dificuldades extras quando houver a redução dos estímulos monetários americanos.

O Brasil é o que terá o menor crescimento entre os emergentes no ano que vem – vai repetir, segundo o FMI,

a mesma taxa de 2,5% de 2013. Crescerá menos que a média mundial.

O FMI cortou em 0,7 ponto a previsão de crescimento do Brasil para 2014 e levou a taxa do PIB para o mesmo patamar previsto pelas instituições financeiras brasileiras que são consultadas pelo Banco Central para o Boletim Focus, 2,47%. Se o cenário se confirmar, o país terá um crescimento médio de apenas 2,15% ao ano, entre 2011 e 2014, o pior desempenho do Plano Real, comparável ao do segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique.

Mas esse não é o único problema brasileiro. O Fundo acha que em alguns países são urgentes passos para a redução da dívida, do déficit público e de gastos definidos como “quase fiscais”. Entre os países nessa situação está o Brasil. Aqui, sabe-se do que o FMI está falando. Há uma expansão grande de gastos através de bancos públicos, financiados por endividamento do governo. E esse passou a ser um dos maiores riscos da política econômica brasileira.

Outros emergentes também estão reduzindo a marcha. A previsão da Índia caiu bastante. Agora é de 3,8% de crescimento este ano e 5,1% no ano que vem, o que representa um corte de 1,8 ponto percentual e 1,1 ponto percentual em relação à última previsão. Enquanto em todos os emergentes há redução das previsões de crescimento, os países desenvolvidos vão deixando para trás o pior mo-

### Os pontos-chave

1

Os emergentes estão desacelerando e os países avançados vão crescer um pouco mais, diz o FMI

2

O momento não é bom para que países tenham piora de indicadores, como aconteceu com o Brasil

3

O Fundo aconselhou o governo a adotar urgentemente medidas que melhorem a área fiscal

mento. A perspectiva para a Europa é sair da recessão no que vem, com um número magro de 1%. Mas, para quem há pouco tempo corria o risco de ver sua união monetária se fragmentar, é um bom resultado.

Os americanos são novamente o principal foco das incertezas mundiais, com o impasse político que traz de volta a ameaça de um calote da dívida. Mas, instado a falar do assunto, Blanchard disse que esse é um “grande evento”, que teria inúmeras consequências na economia mundial, mas que ele não contempla a possibilidade de um “acidente” como esse acontecer.

O FMI diz que haverá um momento em que os estímulos monetários vão ser reduzidos e que isso afetará os países emergentes. Sugeriu que eles deixem suas moedas se desvalorizarem. E alertou que não é um bom momento para um país emergente manter desequilíbrios macroeconômicos: “Se o país tem desequilíbrios macroeconômicos, como déficit fiscal e inflação alta, é melhor fazer alguma coisa. Já deveria fazer de qualquer forma, mas com a pressão dos investidores, é melhor não adiar os ajustes”.

O mundo terá em 2013 o menor crescimento em quatro anos. Mas no pior cenário – que é o do calote americano – nem o FMI quer pensar.

—  
Com Álvaro Gribel

### RANKING NACIONAL

# Indústria capixaba na lanterna

## Produção do setor no Estado continua o pior do país, acumulando queda de 8,4% no ano

▄ A produção da indústria do Espírito Santo continua com o pior desempenho no país este ano. A queda acumulada já chega a 8,4%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados ontem. Em agosto, o Estado voltou a ter resultado negativo, com recuo de 1,4% em relação a julho deste ano. Já em relação a agosto do ano passado, o recuo no Estado foi de 5,9%.

O saldo ruim do Estado foi puxado por atividades como alimentos e bebidas (-23,0%) e metalurgia bási-



Menor produção de bombons reforçou retração de 23% na indústria de alimentos

ca (-31,8%), influenciadas, em grande parte, pela menor produção de produtos embutidos de carne de suíno e bombons, no primeiro ramo, e de lingotes, blocos, tarugos ou placas de aços

ao carbono, no segundo. Vale citar ainda que o desempenho ruim observado em indústrias extrativas (-1,3%), celulose, papel e produtos de papel (-2,1%) e minerais não metálicos

(-0,2%) foram pressionados principalmente pelos recuos verificados nos itens minérios de ferro; celulose; e pia, banheira, bidês e semelhantes para uso sanitário, respectivamente.

DIVULGAÇÃO

### PAÍS

No Brasil, a produção industrial cresceu em sete dos 14 locais pesquisados em agosto. Paraná (3,6%), Goiás (1,7%) e Santa Catarina (1,6%) tiveram os maiores avanços, seguidos por Ceará (1,0%), São Paulo (0,6%), Minas Gerais (0,3%) e Rio Grande do Sul (0,2%).

Na contramão, entre os que mostraram recuo, a Bahia registrou a queda mais intensa no mês, de 8,6%, e interrompeu a sequência de cinco altas. Também foram verificadas baixas no Rio de Janeiro (-4,2%), na Região Nordeste (-2,2%), e no Pará (-1,6%). Tiveram taxas negativas, mas menores, Pernambuco (-0,8%) e Amazonas (-0,7%).

No indicador acumula-

do no ano, 11 dos 14 locais pesquisados apontaram alta na produção: Rio Grande do Sul (6,0%), Bahia (5,9%), Paraná (3,1%), Goiás (3,0%), Ceará (2,7%), Amazonas (2,3%) e Região Nordeste (2,0%). Já São Paulo (1,6%), Santa Catarina (1,0%), Rio de Janeiro (0,9%) e Pernambuco (0,9%) foram os demais locais com acumulados no ano positivos.

De acordo com o IBGE, nesses locais, o maior dinamismo foi influenciado pelo aumento na fabricação de bens de capital e de bens de consumo duráveis, além da maior produção no refino de petróleo, na produção de álcool, produtos têxteis, calçados e artigos de couro e alimentos.